

Empresários do DF temem 1999

Comércio varejista e indústria apostam no impacto positivo de reajuste salarial

A Codeplan, no entanto, prevê que a economia local vai piorar

As perspectivas para 1999 estão dividindo os empresários do Distrito Federal. Enquanto parte do comércio e economistas prevêem mais recessão e desemprego — principalmente pela queda do padrão de vida dos servidores públicos, donos de 35% da renda assalariada do DF —, o Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista) apostava que a concessão dos 28,8% na próxima gestão do GDF ajudará a aumentar as vendas. A indústria, por sua vez, prepara-se para tirar partido da crise e crescer.

As análises pessimistas não são poucas nem novas. A Companhia de Desenvolvimento do Planalto

Central (Codeplan) questiona o impacto positivo de um possível reajuste para o funcionalismo do GDF, em vista de a maioria dos servidores pertencer a órgãos federais. "Os servidores federais representam R\$ 189,2 milhões (quase 60%) da renda proveniente de trabalho no DF, enquanto os do GDF ficam com R\$ 137 milhões (pouco mais de 40%)", demonstra Edgar Fagundes, diretor-presidente da Codeplan.

Faxineira

Para Fagundes, são indícios de que a economia brasiliense vai piorar em 99 a explosiva combinação da falta de reajuste no salário do funcionalismo, da redução dos investimentos do Governo federal e dos altos juros.

"Mesmo que haja uma queda dos juros, isso só dará uma amaciada na situação. Não deixa de haver a queda na qualidade de vida da classe média", explica o diretor, referindo-se aos cortes no orçamento familiar em função do arrocho salarial.

Esse enxugamento, acredita Fagundes, determinará mais recessão. "A família vai cortar passérios, restaurantes, a faxineira vai passar a ir uma vez por semana, em vez de duas. Isso tem consequências sociais. O que essa faxineira vai fazer?", questiona o presidente da

Codeplan.

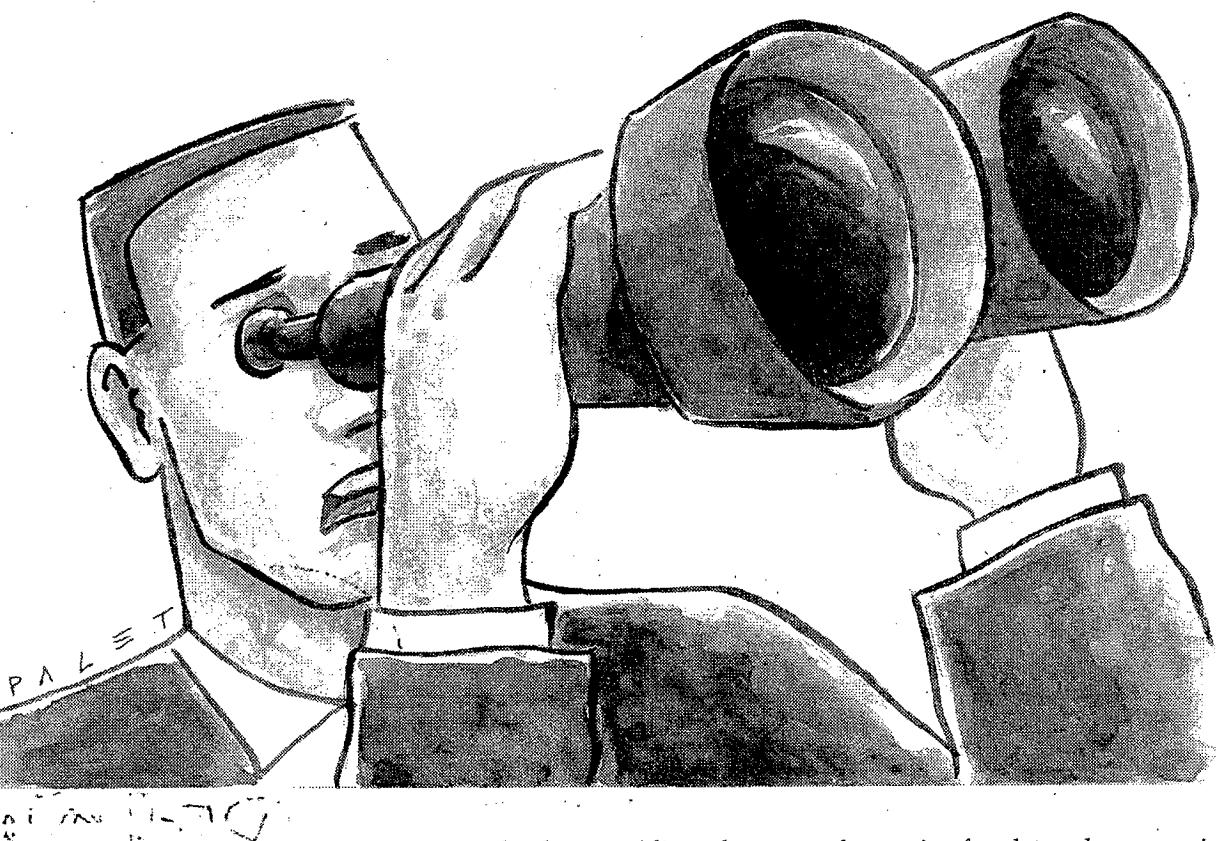
A avaliação coincide com as queixas de importantes sindicatos do comércio. A categoria de bares, restaurantes e similares, por exemplo, divulgou anteontem que o setor demitiu seis mil garçons, cozinheiros, *maitres*, balconistas e atendentes em 98, sem contar os 804 estabelecimentos fechados no período.

"O nosso setor vive basica-

mente da classe média e do trabalhador que recebe tíquete-alimentação. Mais de 60% da clientela é de funcionários públicos. Além de ter havido um achatamento dessa classe, o GDF cortou os tíquetes", aponta César Gonçalves, presidente do sindicato da categoria.

Temeridade

Já o comércio varejista, um



Santana, cujas idéias não coincidem com a opinião do presidente eleito do Conselho Regional de Economia (Corecon), Júlio Miragaya.

Para Miragaya, a incerteza da população é tanta que a tendência do consumidor nos próximos tempos será de poupar o pouco dinheiro excedente. "A população está sendo sábia, está entendendo que seria uma temeridade gastar", diz o economista, em relação ao medo da demissão por parte do funcionalismo e de assalariados em geral.

Na contramão de pontos de vista e perspectivas, está o setor industrial. Apesar de ter divulgado ontem números relativos a demissões no segmento de indústria de transformação — 5,7 mil nos últimos 12 meses —, a Federação das Indústrias (Fibra) do DF planeja reação em 1999.

"Quando se está preparado para crises, dá para reverter a situação. Vamos fazer uma série de seminários para mostrar aos empresários o que está vindo. Pela nossa vivência, em ano de crise há oportunidade de ganhar dinheiro", afirma Lourival Dantas, presidente da Fibra, minimizando as demissões no setor. "É melhor demitir do que fechar a empresa. Quando você quebra, acaba com a possibilidade de gerar emprego", diz.

RODRIGO LEDO

Repórter do Jornal de Brasília